

T H R O U G H ∞ K I N

Just another female body story

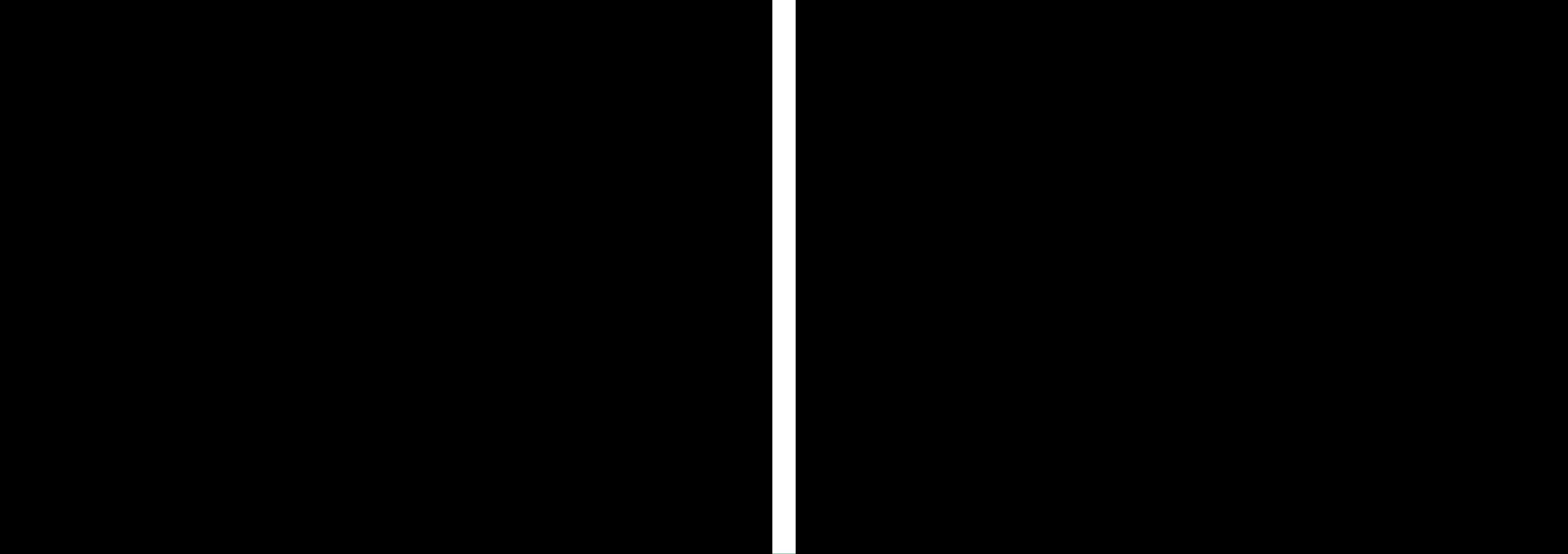
T H R U G H

∞ K I N

Just another  
female  
female  
body story



S a h a r a R M e r





T H R U G H  
∞ K I N





# Through Skin

Nasci mulher. Disseram-me que nasci para servir e tudo aceitar. Disseram-me que havia coisas que pertenciam apenas ao mundo dos homens.

Nasci mulher e disseram-me que havia uma maneira “feminina” de me comportar, de me apresentar à sociedade, de ser.

*Through skin comes sin.* O que é necessário para arrancar da mulher a sua condição de pecadora? Olhos em volta, perscrutando os nossos corpos, procurando por sinais fáceis.

Através da pele vem o pecado, mas é também através da pele que sentimos o outro, que nos analisamos, olhando para dentro, exorcizando os nossos monstros e curando as nossas feridas.

A sociedade ofereceu à mulher um papel que é, ainda hoje, inconscientemente perpetuado por todos nós. Séculos passaram e continuamos a objetificar o corpo. Séculos passaram e continuamos a objetificar a nossa humanidade.

Nasci mulher e acredito que há uma maneira apropriada para a sociedade se apresentar às mulheres. Escutar, compreender, respeitar.

*Through Skin* é um projeto dialético: surge através da pele e pretende atravessar a pele de outros, servir de canto catártico onde, em conjunto, cada um possa chorar e deixar ir.

Procura fazer-se escutar, escutando. Fazer-se compreender, compreendendo. Fazer-se respeitar, respeitando. Aproximar, partilhando. Contamos pequenas histórias, episódios perdidos no inconsciente recalcado de mulheres reais. Contamo-las em prosa poética. Contamo-las em fotografia. Contamo-las em cada coleção de *Just another female body story*. Enquanto o fazemos, choramos com elas. Choramos connosco. Quando terminamos, afastamos-nos e contemplamos a obra que nasceu.

"Ela" é agora muito mais que o drama vivido. Já deixou de ser um episódio recôndito na escuridão que assola a mulher isolada. Não. Agora ela falou. Ela representou o seu trauma, a sua dor, os

seus demónios. Ela apoderou-se do seu monstro e tornou-se maior do que ele. Ela olhou-o de frente e mostrou-o ao mundo, sem medo. O seu monstro é agora exposto, visto por mais olhos, sentido por mais pessoas, despedaçado dentro de cada um. O monstro, finalmente, perde a força.

A finalidade de cada coleção *Just another female body story* é ressoar com as histórias que cada um leva dentro de si, permitir que se identifique com as mulheres que trazemos a lume. Lançar, mais uma vez, o debate da igualdade de género. Estimular, na sociedade, o pensamento crítico. O que pretendemos com cada coleção é que se escute, compreenda, respeite e partilhe.

Cada fotografia, cada história, representa o poder que a mulher invocou. A força de que se muniu para despedaçar o monstro que levava com ela. Empoderemo-nos. Contemos as nossas histórias. Despedacemos os nossos monstros.

# Through Skin

*I was born a woman. I was told that I was born to serve and accept everything. I was told that there were things that belonged only to the world of men.*

*I was born a woman and I was told that there was a 'feminine' way of behaving, of presenting myself to society, of being.*

*Through skin comes sin. What is needed to rip out of women their sinful condition? Eyes around, scanning our bodies, looking for easy signs.*

*Through skin comes sin, but it is also through the skin that we feel one another, that we analyze ourselves, looking inside, exorcising our monsters and healing our wounds.*

*Society offered women a role that is unconsciously perpetuated by all of us, even today. Centuries have passed, and we continue to objectify the body. Centuries have passed,*

*and we continue to objectify our humanity.*

*I was born a woman and I believe there is an appropriate way for society to present itself to women. Listen, understand, respect.*

*'Through Skin' is a dialectical project: it emerges through the skin and intends to cross the skin of others to serve as a cathartic chant where together, everyone can cry and let go. It intends to make itself heard by listening. Make itself understood by understanding. Make itself respected by respecting. Bring together by sharing. We narrate short stories, lost episodes in the repressed unconscious of real women. We narrate them in poetic prose. We narrate them in photography. We narrate them in each collection of 'Just another female body story'. As we do, we cry with them. We cry with us. When we finish, we step aside and contemplate the work that was born.*

*'She' is now so much more than the lived drama. It is no longer a recondite episode in the darkness that plagues the*

*isolated woman. No. Now she spoke. She represented her trauma, her pain, her demons. She took over her monster and became bigger than him. She looked him in the face and showed him to the world without fear. Her monster is now exposed, seen by more eyes, felt by more people, shattered inside each one of us. The monster finally loses power.*

*The purpose of each collection from 'Just another female body story' is to resonate with the stories that each one carries within themselves, allowing identification with the women that we bring to light. To cast once again the debate on gender equality and stimulate critical thinking in society. What we want with each collection is for people to listen, understand, respect, and share.*

*Each photograph, each story, represents the power the woman invoked. The strength she used to shatter the monster she carried with her. Let's empower ourselves. Let's tell our stories. Let us shatter our monsters.*



J u s t   a n o t h e r   **f e m a l e**  
b o d y   s t o r y

## Mulher 1 . Mancha

Corpo meu, corpo meu, há alguém aqui dentro?

A mulher olhou-se ao espelho na esperança de se encontrar, mas não viu mais que uma mancha difusa. “Eu reconheço aquela mancha”, pensou. A imagem no espelho sorriu-lhe, mas ela não conseguiu sorrir de volta. Entrou na banheira e esfregou-se como quem tenta remover uma sujidade demasiado entranhada. Como uma presa que se tenta tornar invisível através da ausência de cheiro, ainda que, para o predador, até o invisível tenha cheiro.

Havia ainda nela uma memória de tempos antigos, mas algo na monotonia dos dias lhe devolvia o esquecimento pelo qual tanto ansiava. Uma lágrima inesperada irrompeu do seu olho. Nada que uma boa camada de maquilhagem não diluísse. “Mais um dia” — pensou — “e hoje tenho uma noite santa...”

Havia um pequeno terror que a assolava de três em três

noites, uma “pequena morte”, nada de importância, apenas mais uma tarefa na lista interminável de árduas tarefas que qualquer um tem. Mas, pensando bem, a culpa era sua... Ela amava o marido, amava a vida que tinham os dois... Bom, pelo menos a maior parte.

Nalgum dia trágico, em que a inteligência lhe tinha falhado, contou ao seu marido uma história insignificante do seu passado. Algo simples, que mal se lembrava, sobre um qualquer outro namorado que, em tempos, tinha tido. Alguma efemeridade que, de repente, mudou para sempre os seus dias. Não que o marido tivesse culpa. Coitado... a única coisa que ele fazia era amá-la. Desejá-la sem fim. Mas, a partir desse momento, a insegurança tomou conta dele e engoliu-o. Pobre homem. Ansiava, a cada instante, o momento em que pudesse, finalmente, demonstrar-lhe que o seu desejo era superior ao de qualquer outro homem. Que ela entendesse o

A mulher voltou a olhar-se ao espelho antes de escutar os passos no corredor. Ainda nada de imaculado mas, pelo menos, já não era mancha. Bonita, mas não demasiado. O marido abre a porta e olha-a, com o sorriso luminoso de quem a ama mais que tudo, de quem a venera mais que tudo, de quem a quer para sempre mais que tudo. Ela sorri. Abraçam-se. Ele mede-lhe a beleza. Está adequada. Ela já aprendeu.

Nessa manhã do primeiro dia todos se amam e ninguém quer morrer. Ele porque amou, ela porque hoje não tem que ser amada. À noite, preparam um jantar digno dos deuses e sentam-se a ver um filme. Felizes. Ele está tão feliz que começa a acariciar-lhe o braço. Ele ama vê-la feliz. Ela estagna. A sua cabeça começa a rodopiar... "Mas como assim? Hoje é o dia um...". Nem sempre o desejo nasce do nada. Esta mulher habituara-se a servir o marido apenas de três em três dias. E hoje era, apenas, dia um.

O marido sente que algo não está bem. Olha-a nos olhos. Ela é tão linda... só quer beijá-la. Agarra-lhe a cara e beija-a, profundamente, cheio de amor. Ela

afasta-o com um sorriso... "Estamos a ver o filme, amor. Não era este o filme que querias ver?", "Sim, mas amo-te tanto...", "Sim, eu sei, também te amo... mas assim vamos perder o filme", "Sim, sim, tens razão".

A mulher já não conseguiu ver mais nada. A cabeça dela, presa num pensamento, só dizia "hoje é dia um, por favor, deus, deixa que seja dia um". Foram para a cama. Ela estava tão cansada, mas tão cansada. Ele abraçou-a, ainda na expectativa. Ela deixou-se ali ficar, abraçada, fechada, cansada. Apenas mais uma noite em que ela lhe negava o amor. E adormeceram.

A mulher olhou-se ao espelho, cansada. Olheiras profundas, sono inquieto. Hoje era dia três. Lavou-se. Saíram. Voltaram. Ela sentiu no ar. Ela sabia. O contentamento do marido inundava a casa. Abraçava-a, acariciava-a, beijava-a. Ela era abraçada, acariciada, beijada. Ele sentiu a sua passividade e disse-lhe: "Mas qual é o teu problema? Quando é que deixaste de gostar de mim? Se eu fosse outro qualquer, já querias... não passas duma puta que vai para a cama com todos menos comigo!"

## Woman 1 . Stain

*Body of mine, body of mine, is there anyone inside?*

*The woman looked in the mirror hoping to find herself, but she didn't see more than a blurred stain. I recognize that stain, she thought. The image in the mirror smiled at her, but she couldn't smile back. She got into the bathtub and scrubbed herself as if trying to remove deeply ingrained dirt. Like a prey that tries to make itself invisible through the absence of smell, even though, for the predator, even the invisible has smell.*

*There was still a memory of ancient times in her, but something in the monotony of the days brought back the oblivion she so longed for. An unexpected tear burst from her eye. Nothing a good layer of makeup wouldn't dilute. 'One more day' — she thought — 'and today I have a holy night ...'*

*There was a little terror that came over her every third night, a 'little death,' nothing of importance, just another task on the endless list of arduous tasks anyone has. But, come to think of it, it was her fault... She loved her husband, loved the life they both had... Well, at least most of it.*

*On some tragic day, when her wits had failed her, she told her husband one insignificant story from her past. Something simple that she barely remembered about some boyfriend she once had. Some ephemerality that suddenly changed her days forever.*

*Not that the husband was to blame. Poor guy... the only thing he did was love her. Desire her endlessly. But from that moment on, insecurity took hold of him and swallowed him up. Poor man. He yearned every second for the moment he could demonstrate to her that his desire was greater than any other man's. May she understand the size of his love. Feel it... But it seemed like she was pulling him away every day. His biggest fear was that she would cheat on him. She was so beautiful... how many men wouldn't look at her during the day. How many would not want her...*

*The woman looked at herself in the mirror again before hearing footsteps in the corridor. Still nothing immaculate, but at least she was no longer a stain. Beautiful, but not too much. Her husband opens the door and looks at her with the luminous smile of someone*

*who loves her more than anything, who worships her more than anything, who loves her forever more than anything. She smiles. They hug. He measures her beauty. She is suitable. She already learned.*

*That morning of the first day, everyone loves each other and no one wants to die. He because he loved, she because today she doesn't have to be loved. At night they prepare a delicacy worthy of the gods and sit down to watch a movie. Happy. He is so happy that he starts stroking her arm. He loves to see her happy. She stagnates. Her head starts to spin... 'But what do you mean? Today is day one...' Desire is not always born out of nowhere. This woman was used to serving her husband only every three days. And today was only day one.*

*The husband feels that something is wrong. He looks her in the eyes. She is so beautiful... he just wants to kiss her. He grabs her face and kisses her deeply, full of love. She pushes him away with a smile... 'We're watching the movie, love. Isn't this the movie you wanted to see?', 'Yes, but I love you so much...', 'Yes, I know, I love you too... but we'll miss the movie,' 'Yes, yes, you're right.'*

*The woman could no longer see anything. Her head, trapped in a thought, just kept saying 'today is day one, please god, let it be day one.' They went to bed. She was so tired but so tired. He hugged her, still expectant. She stayed there, hugged, closed, tired. Just another night of her denying him love. And they fell asleep.*

*The woman looked at herself in the mirror, tired. Deep circles under her eyes, restless sleep. Today was day three. She washed. They left. They came back. She felt it in the air. She knew. The husband's contentment flooded the house. He hugged her, caressed her, kissed her. She was hugged, caressed, kissed. He sensed her passivity and said: 'But what's your problem? When did you stop loving me? If I were anyone else, you'd already want it... you're just a whore who goes to bed with everyone but me!'*



objeto Mancha *Stain object*



objeto Espera *Waiting object*



objeto Restos *Leftovers object*



objeto Contida *Squeezed object*



objeto Hora *O'Clock object*



objeto Sim *Yes object*



objeto Não *No object*



objeto Oca *Hollow object*



objeto Embalo *Hung object*

J u s t   a n o t h e r

b o d y   s t o r y

f e m a l e



## Mulher 2 . A Terapia

— Quando eu era mais pequena o papá fazia uma brincadeira comigo.

— E queres falar sobre essa brincadeira?

— Sim... Não me importo. Eu até gostava e, além disso, ganhei insensibilidade às cócegas.

(paciente ri nervosamente)

— Insensibilidade às cócegas?

— Sim! Então, o papá deitava-me na cama e pedia-me que ficasse o mais quieta possível. Sabe, como o jogo do "sério"...

— O jogo do "sério"?

— Sim, em que duas pessoas ficam a olhar uma para a outra e ninguém se pode rir. Quem se ri primeiro, perde.

— Ah, sim... E aí nesse jogo que fazias com o pai, como funcionava?

— Bom, então, eu tinha que ficar muito quieta e depois ele passava os dedos dele muito devagar pelos meus pés, como se fossem festinhas muito suaves... e eu não me podia nem rir, nem mexer.

— Mas isso devia ser muito difícil de controlar! Como conseguias?

— Bom, primeiro o papá habituou-me, segurava as minhas pernas com a mão dele enquanto fazia festinhas. A primeira vez eu ri-me muito. Tive tantas cócegas! Foi mesmo difícil...

— E o que aconteceu?

— Perdi o jogo... Na primeira vez o papá zangou-se muito porque eu não queria brincar mais. Depois, ele explicou-me que zangar-se também fazia parte da brincadeira, porque o objetivo do jogo era eu ficar forte e perder as cócegas nos pés...

— E depois, brincaram mais vezes a esse jogo?

— Sim, sim, brincámos durante algum tempo, mesmo depois de eu já não sentir nada nos pés.

(paciente dá uma gargalhada)

Nas primeiras vezes eu chorava... porque tinha mesmo muitas cócegas e era impossível de controlar. Começava por rir tanto, mas tanto, que me doía a barriga de tanto rir... depois eu começava a chorar muito e o papá repetia que tinha de ser forte e que ia conseguir. Depois, quando eu estava mais forte e já não me ria nem chorava quase nada, o papá inventou outro nível: tinha que ficar deitada, muito quietinha, e ele ia tocando noutras partes do meu corpo onde eu ainda tinha cócegas. Esse nível era mesmo

muito difícil... mas eu encontrei uma maneira de ganhar!

(paciente sorri triunfante)

— Então, como fazias? — pergunta a terapeuta muito séria.

— Como eu não aguentava mais, mas não me podia mexer nem nada, eu fingia que não estava ali... sabe? Fingia que morria... Como no "jogo do morto"! E assim era como se já não sentisse nada. Quando eu percebia que a brincadeira tinha acabado, voltava e o papá estava muito feliz, porque eu tinha ganhado o jogo.

— Então, mas nessa brincadeira só tu é que perdias... Quando é que o pai perdia?

— Então, se me mexesse ou me risse, o papá perdia...

— Mas não eras tu que perdias, se te mexesses ou risses?

— Ah, pois, era eu que perdia... Mas se o papá ficasse triste também perdia. Eu tinha que conseguir... senão perdíamos os dois.

— *When I was little, daddy used to play a game with me.*  
— *And you want to talk about that game?*  
— *Yes... I don't mind. I even liked it, and besides, I gained insensitivity to tickling.*  
*(patient laughs nervously)*  
— *Insensitivity to tickling?*  
— *Yes! So, daddy would lay me down on the bed and ask me to be as still as possible. You know, like the 'serious' game...*  
— *The 'serious' game?*  
— *Yes, where two people stare at each other and nobody can laugh. Whoever laughs first loses.*  
— *Ah, yes... And, in that game you played with your father, how did it work?*  
— *Well, I had to be very still and then he would run his fingers very slowly through my feet, like very soft little strokes... and I couldn't laugh or move.*  
— *But that must have been very difficult to control! How did you manage?*  
— *Well, first daddy got me used to it, he held my legs with his hand*

*while he caressed me. The first time I laughed a lot. I was so ticklish! It was really difficult...*  
— *And then what happened?*  
— *I lost the game... The first time daddy got very angry because I didn't want to play anymore. Then he explained to me that getting angry was also part of the game because the purpose of the game was for me to become strong and also lose the tickle in my feet...*  
— *And did you play that game often?*  
— *Yes, yes, we played a few times, even after I felt nothing in my feet.*  
*(patient laughs)*  
*The first few times I cried... because it was really ticklish and impossible to control. I started laughing so hard, so much, that my tummy hurt from laughing so hard... then I started to cry a lot, and daddy kept repeating that I had to be strong and that I was going to make it. Then, when I was stronger and I hardly laughed or cried anymore, daddy made up another level: I had to lie down, very still, and he would touch other parts of my body where I was still ticklish. That level was really hard... but I found a way to win!*  
*(patient smiles triumphantly)*

— Since I couldn't take it anymore, but I couldn't move or anything, I pretended I wasn't there... you know? I pretended I was dying... As in the 'play dead' game! And so it was as if I no longer felt anything. When I realized that the game was over, I came back and daddy was very happy because I had won the game.

— But in that game, you were the only one who lost... When did father lose?

— So, if I moved or laughed, daddy would lose...

— Weren't you the one who lost if you moved or laughed?

— Ah, well, I was the one who lost... But if daddy got sad, he would lose too. I had to make it... for both of us.



O belo começo *The beautiful start*



A bela brincadeira *The beautiful game*



A bela proposta *The beautiful proposal*



O belo sim *The beautiful yes*



A bela culpa *The beautiful punish*



O belo sítio para esconder *The beautiful place to hide*



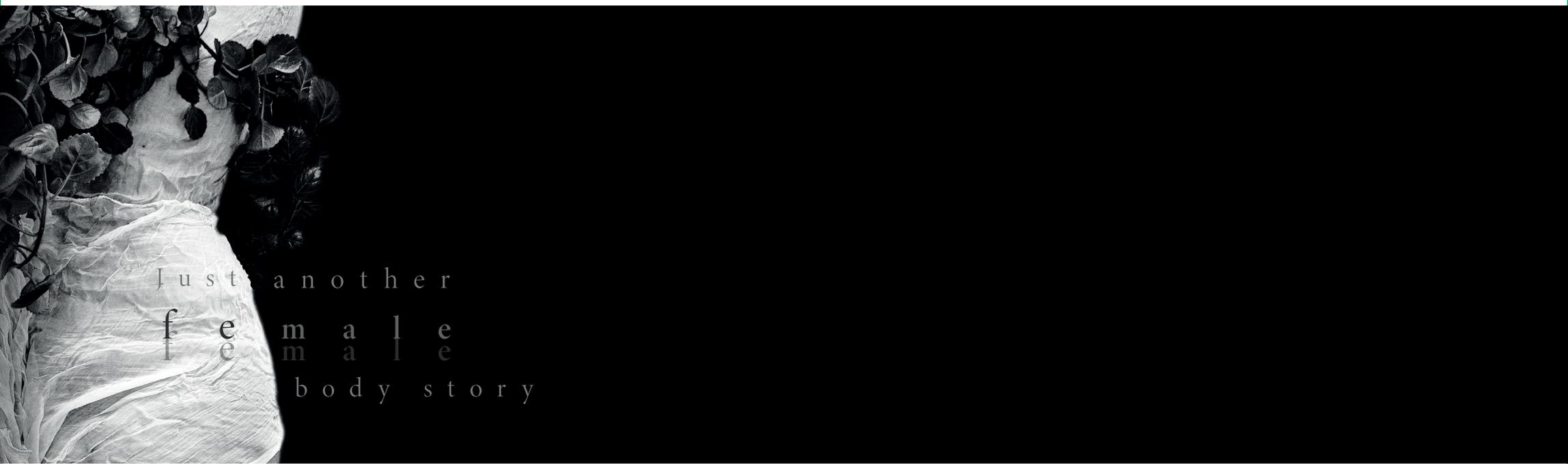
O belo controlo *The beautiful restraint*



A bela vergonha *The beautiful shame*



O belo fim *The beautiful end*



Just another  
female  
body story

## Mulher 3 . Eva

Quando, apesar do amor, as sombras devoram

Eva não sabia o que fazer com a sua tristeza desde aquele dia. Triste tristeza, inundando-a a cada instante, denegria-lhe o olhar outrora cheio, outrora vivo. Restava carcaça. Carcaça de Eva tão surda que nem via o frio que trazia, o silêncio que, à espreita, luzia, disponível para lhe esmagar a cabeça. Eva, mulher estúpida, mãe inútil. Como sempre.

Inventou-se o metal. Um compasso passou. O metal cortava-lhe a ânsia de não suportar mais. E há ondas que ainda rebentam nas praias, nuvens que vagueiam num céu alheado, hordas de humanos rindo alto e sofregamente. Depois, o metal cortava-lhe a ânsia de não suportar mais. E há cães que passeiam donos, moscas que despedaçam merda, pais que morrem sem um adeus. Depois, o metal despedaçava-lhe a ânsia de não suportar mais.

Eva, mulher inútil, sofre desesperada por uma dor que não é sua. Que mais poderia fazer, senão sofrer? Mais faltaria. Rebenta, Eva, rebenta de tristeza. Apaga o mal pela raiz quadrada da tua volátil existência. Eva, que mais fazer a não ser perseguir, vigiar e morrer?

Eva não soube o que fazer com a sua tristeza. Esmiuçou cada memória, cada evento, cada decisão, em busca de algo que pudesse ser causa. Nada encontrou.

Havia naquela casa um quarto de criança e um bunker de adulto. Pelo meio, a terra começou a ceder. Abrindo, primeiro, uma leve fresta impossível de ver a olho nu. Apenas se sentia, pela casa, um frio, uma ausência, um leve distúrbio no tecido do espaço-tempo. Uma ténue corrente que ninguém podia explicar. O adulto, esmagado contra o chão, espreitava o quarto da criança pela fresta, perscrutando culpas e monstros sombrios. Sombras quentes e líquidas dançavam ociosas, saltando e brincando sem parar, ocupando todo o espaço, abrindo reluzentes entradas onde antes não havia nada.

Quem apagou as luzes?

## Woman 3 . Eva

*When, despite love, shadows devour*

*Eva didn't know what to do with her sadness since that day. A sad sadness flooding her at every moment, blackened her gaze once full, once alive. Only carcass remained. Eva's carcass, so deaf that she didn't even see the cold it brought, the silence which lurked in wait, ready to crush her head. Eva, stupid woman, useless mother. Like always.*

*Metal was invented. A compass passed. The metal cuts through the urge of not bearing it anymore. And there are waves that still break on the beaches, clouds that wander in an oblivious sky, hordes of humans laughing loudly and greedily. Then, the metal cuts the urge of not bearing it anymore. And there are dogs that walk their owners, flies that shred shit, parents that die without a goodbye. Then, the metal shattered her urge of not bearing it anymore.*

*Eva, useless woman, desperately suffers from a pain that is not hers. What else could she do but suffer? What else? Burst, Eva, burst with sadness. Erase evil by the square root of your volatile existence. Eva, what else to do but chase, watch over and die?*

*Eva didn't know what to do with her sadness. She dissected through every memory, every event, every decision, looking for something that could be the cause. Nothing found.*

*There was a child's room and an adult bunker in the house. In between, the earth began to succumb. Opening, first, a slight crevice impossible to see in the naked eye. All that could be felt in the house was a cold, an absence, a slight disturbance in the fabric of space-time. A thin undercurrent that no one could explain. The adult, crushed against the floor, lurked into the child's room through the gap, scrutinizing guilt and dark monsters. Warm, liquid shadows danced idly, leaped, and played endlessly, taking up all the space, opening gleaming doorways where there was nothing before.*

*Who turned out the lights?*



Quando as sombras devoram *When shadows devour*



Carça *Carcass*



Enquanto ainda *While still*



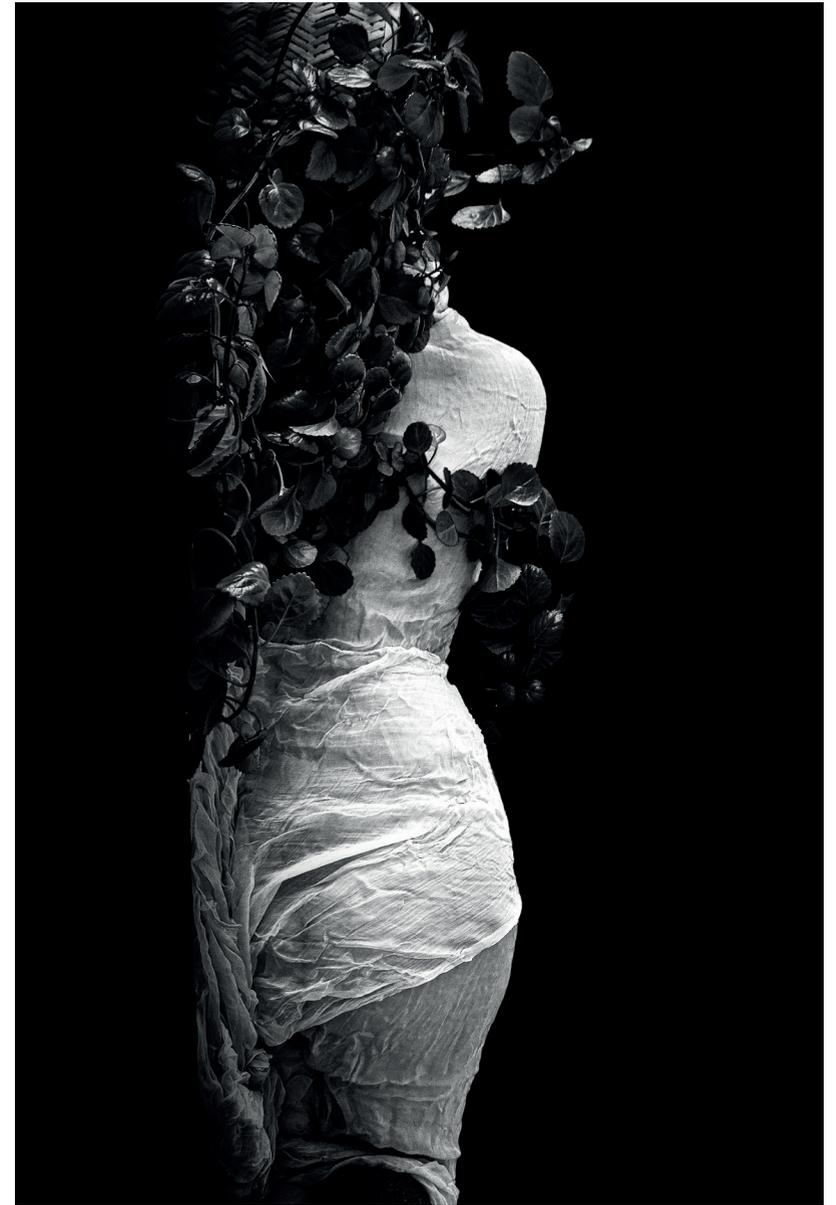
Rebenta, Eva, rebenta *Burst, Eva, burst*



Esmiúça *Scrutinize*



Cede, espreita, esmaga, apaga *Succumb, lurk, crush, erase*



Onde antes não havia nada *Where there was nothing before*



Enorme gratidão a todos aqueles que nos apoiam neste projecto:  
*Enormous gratitude to all of those who support us in this project:*

Helder Soares, Helena Fiuza, Joana Noronha, Joana Bastardo, Patrícia Botas,  
António Costa, Gonçalo Almeida e Junta de Freguesia de Carnide



## Through Skin

---

*Through Skin* é um projeto de duas mulheres artistas, Sahara, uma cineasta que é una com a natureza e sente na sua carne as dores do mundo, e R Mer, uma filósofa que procura causas para onde quer que olhe e tenta transmitir sentidos através da fotografia.

*Through Skin* is a project by two women artists, Sahara, a filmmaker who is one with nature and feels the pains of the world in her flesh, and R Mer, a philosopher who looks for causes wherever she looks and tries to transmit meanings through photography.



